

AS EMOÇÕES NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: o que dizem as professoras do Atendimento Educacional Especializado

Rafaella Ferreira Rodrigues Barbosa (Autora), Taísa Caldas Dantas (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba, rafaellafrb@gmail.com; taísa.cd@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscamos conhecer a realidade dos/as alunos/as surdos que estão matriculados no ensino fundamental da rede municipal de ensino de João Pessoa, a fim de responder alguns questionamentos, quais sejam: de que modo está sendo feita a inclusão deste/a aluno/a surdo/a? Como suas emoções estão interferindo na sua aprendizagem? A comunicação está sendo feita de forma adequada? Ou a falta dela tem causado transtornos emocionais para os alunos/as surdos/as? Para responder essas questões, este trabalho apresenta como objetivo conhecer a influência das emoções na aprendizagem e socialização dos alunos surdos matriculados no ensino regular.

Através da linguagem, ao homem é possibilitado organizar seu pensamento, revelar seus sentimentos, expressar o que conhece e dialogar com os outros homens. Ela possibilita o acesso do homem à cultura, fazendo-o um sujeito qualificado a realizar transformações diversas. A pessoa surda não tem esse privilégio, pois não faz uso da linguagem oral para se comunicar, o que implica em problemas desde a socialização até o aprendizado, se não for inserido de maneira adequada na escola (BRASIL, 2006)

Segundo Marchesi (1996), a surdez se traduz na perda da percepção dos sons em maior ou menor escala. A pessoa surda tem o direito de ter acesso ao ensino regular, assim como receber os recursos e apoio da educação especial. Conforme expresso nos artigos 58 e 59 da LDB 9.394/96, esta modalidade busca atender os educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, inserindo-os nas salas de aula regulares, buscando garantir a inclusão dos mesmos, através de currículos, métodos e técnicas que atendam às suas necessidades (BRASIL, 1996).

De acordo com Lacerda (2006) a linguagem é adquirida na vida social e é com ela que o sujeito se constitui como tal. É no contato com a linguagem, integrando uma sociedade que faz uso dela, que o sujeito a adquire. Já para as pessoas surdas, esse contato revela-se prejudicado, pois a língua oral é percebida por meio do canal auditivo, alterado nestas pessoas. Desse modo, no caso de crianças surdas, o atraso de linguagem pode trazer consequências emocionais, sociais e cognitivas,

mesmo que realizem o aprendizado tardio de uma língua.

A Educação Emocional pode contribuir para o desenvolvimento do aluno/a surdo/a, pois se configura como campo de estudos que pretende potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como elemento essencial do desenvolvimento integral da pessoa, com objetivo de capacitá-la para a vida. É um processo contínuo e permanente, pois deve estar presente ao longo de todo currículo acadêmico e na formação ao longo da vida. A EE pretende oferecer respostas a um conjunto de necessidades que não são suficientemente atendidas na educação formal, assim como, o desenvolvimento das competências emocionais que contribuem para um melhor bem-estar pessoal e social (BISQUERRA, 2003).

A escola é um espaço onde emoções e afetos são vividos de modo aberto, propiciando sucesso, insucesso, ciúmes, competição, raiva. Sentimentos estes importantes de serem conhecidos e exercitados para o bom convívio social. É nesta etapa (escolarização) da vida que os processos identificatórios se consolidam e o aluno/a surdo/a, sozinho/a no ambiente escolar, em sua condição de surdez, pode enfrentar uma série de dificuldades (LACERDA, 2006). A aprendizagem ocorre como parte de uma relação emocional entre o professor e o aluno (CASASSUS, 2009). Por isso a importância de um ambiente que leve em consideração não apenas os aspectos cognitivos, mas também, os aspectos emocionais.

Esta temática surge do interesse da pesquisadora em conhecer o universo emocional na educação das pessoas surdas, como as emoções podem contribuir para a aprendizagem, socialização, desenvolvimento pessoal, pois em se tratando de deficiências, ainda existe muito preconceito pela falta de conhecimento ou falta de interesse em conhecer e, como consequência, muitas vezes, a exclusão continua a existir mesmo quando o aluno/a está inserido em sala de aula regular. Esta realidade traz déficits não apenas em seu aprendizado, mas em seu estado emocional, por não se sentir parte daquele todo, ou não se sentir sujeito atuante no seu aprendizado.

Este artigo é parte de uma pesquisa maior, onde estudamos a realidade de dois alunos surdos inseridos em uma sala regular do 7º ano do ensino fundamental. Aqui abordaremos, especificamente, a visão de duas professoras do Atendimento Educacional Especializado que acompanham estes alunos e a contribuição que a Educação Emocional pode dar para o desenvolvimento dos mesmos.

O artigo a seguir apresentado será dividido da seguinte maneira: na primeira parte apresentaremos o referencial teórico que embasou a pesquisa: um pouco da trajetória de exclusão dos surdos, as políticas que os amparam, as

professoras do AEE, o que é a Educação Emocional e suas contribuições para educação; na segunda parte apresentaremos a metodologia e os caminhos adotados na pesquisa; e, por fim, a análise dos dados coletados a partir da entrevista com os sujeitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A trajetória da educação dos surdos ao longo da história revela um processo duradouro de exclusão. Por muito tempo o surdo não pôde se assumir como tal, por mais de um século esse grupo foi cerceado por tentativas de correção e normalização, práticas que buscavam controlar, negar e separar a comunidade surda, a língua de sinais, as identidades surdas e todo o conjunto de singularidades que diferencia os surdos dos demais sujeitos. O potencial de reconstrução da história dos surdos sobre sua educação e processo de escolarização é um marco inicial para uma reconstrução política e para que participem, ativa e conscientemente, das lutas pelo direito à língua, pelo direito a uma educação que rompa com seus métodos excludentes, para um exercício integral de cidadania (SKLIAR, 1998).

Muitas foram as políticas criadas, ao longo dos anos, para orientar a educação das pessoas com deficiência, sobre como elas deveriam ser inseridas nas salas de aula, dentre outros aspectos. Inicialmente foi promulgada a Constituição Federal de 1988 que estabelece “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Art. 3º, inciso V).

Em 1994 foi publicada a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) que disserta sobre o princípio fundamental da educação inclusiva onde todas as crianças devem aprender juntas, dentro das possibilidades, independente das diferenças. Dentro do panorama brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) assume os princípios postos na Declaração de Salamanca e representa um grande marco para a educação das pessoas com deficiência uma vez que consagra a educação especial como modalidade educativa e traz um capítulo específico para regulamentá-la. Em seu artigo 59 garante que os sistemas de ensino devem assegurar aos alunos com deficiência, “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”, bem como qualificação adequada do professor e garantia de acesso igualitário aos benefícios sociais suplementares.

Somente em 2002, com a Lei 10.436, foi que se reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio legal para comunicação e expressão das pessoas surdas. No ano de 2005 a referida lei foi regulamentada através

do Decreto 5.626, dispondo sobre a formação e certificação do professor, instrutor e tradutor/intérprete de Libras e o ensino da língua portuguesa como segunda língua para os alunos surdos.

Em 2008, através da Política Nacional de Educação Especial, definiu-se a garantia da matrícula dos alunos com deficiência em escolas regulares e que os mesmos teriam direito ao atendimento educacional especializado. Este deve se integrar com a proposta pedagógica da escola e envolver a família, para que desse modo, se possa garantir a plena participação e acesso dos alunos com deficiência à aprendizagem. O decreto 7.611/11 descreve como objetivos do AEE: promoção do acesso, participação e aprendizagem dos alunos, garantir um serviço de apoio especializado ao mesmo, de acordo com suas necessidades, garantir a transversalidade da educação especial no ensino regular, desenvolver recursos didático-pedagógicos que busquem eliminar as barreiras no processo de aprendizagem e, assegurar a continuidade dos estudos dos alunos nos demais níveis de ensino. Esse apoio deve ser dado de forma completar ou suplementar ao ensino regular (BRASIL, 2011).

Percebemos assim, o importante papel que o AEE e, conseqüentemente o professor do AEE, tem para como aluno com deficiência. Este atendimento deve servir para dar apoio ao aluno, identificar, elaborar e organizar recursos didático-pedagógicos com objetivo de eliminar as barreiras para que estes alunos possam ter a plena participação na sala de aula regular e, quando possível, promover a autonomia e independência desses alunos.

Nesse contexto, é possível perceber que existe uma gama de legislações para a promoção do acesso, inclusão e permanência dos estudantes com deficiências nas instituições de ensino, em contrapartida, os desafios ainda são inúmeros. Com relação a surdez, percebemos o quão recente é a lei que reconhece a Libras como sendo um meio de comunicação legal para os surdos, bem como, a formação e certificação do intérprete. Políticas temos, mesmo que criadas tardiamente, no entanto, necessitamos da seguridade de que as mesmas estão sendo implantadas e seguidas.

É neste cenário de exclusões, não identificação, falta de motivação e/ou interesse para aprendizagem da língua de sinais por parte dos professores e a falta de adaptações das aulas, que a Educação Emocional pode contribuir. Esta surge como um campo inovador que se fundamenta nas necessidades sociais, tem como objetivo o desenvolvimento das competências emocionais que auxiliam a um melhor bem-estar social e pessoal. Nas palavras de Bisquerria (2003, p.23) a Educação Emocional:

É um processo educativo, contínuo e permanente, que pretende potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como elemento essencial do desenvolvimento integral da pessoa, com objetivo de prepará-la para a vida. Tudo isso visa aumentar o bem-estar pessoal e social.

O autor coloca a educação emocional como sendo um meio de prevenção primária não específica, cuja finalidade é a aquisição de competências capazes de serem aplicadas em várias situações, reduzindo a fragilidade da pessoa em certos distúrbios, como a depressão, o estresse, a agressividade, etc, ou a prevenção do seu acontecimento. Em função disso é proposto o desenvolvimento das competências básicas para a vida.

Nas palavras de Possebon (2017, p.9) a Educação Emocional surge de uma necessidade social e educativa e tem por objetivo maior desenvolver as habilidades emocionais, contribuindo assim com o bem-estar pessoal e social do ser humano:

[...] implica o conhecimento e o autoconhecimento de questões pertinentes ao universo emocional, além da aquisição de competências e habilidades que poderão proporcionar a consciência e a modulação das ações, de forma a aprender sentir e agir no sentido de proporcionar bem-estar.

Podemos perceber que a EE pode promover um bem-estar na sala de aula, e em relação aos alunos surdos, oportuniza que o professor regente perceba seu aluno surdo de forma diferente, ou seja, o veja para além da limitação do ouvir, entenda que ele possui competências assim como os demais alunos e deve ser incluído na sala assim como os seus pares. Ademais, vai possibilitar ao professor entender que sua sala de aula é um misto de emoções diferentes, pois é formada por pessoas singulares e cada uma carrega consigo emoções distintas e o professor está ali como um mediador para ajudá-los, também, a lidar e compreender suas emoções e utilizá-las em benefício de sua aprendizagem.

Sobre isto, Casassus discorre que “a compreensão emocional surge quando os professores estabelecem vínculos com os alunos e fazem desses vínculos o suporte para a aprendizagem” (CASASSUS, 2009, p.214). Assim, podemos inferir o quão importante e necessário é que o ambiente respeite as emoções tanto dos aprendizes quanto dos mestres para uma aprendizagem significativa e efetiva. Todos estando em um ambiente emocionalmente saudável, a aprendizagem flui de forma simples e harmoniosa, cada um respeitando as singularidades do outro e, entendendo que precisam uns dos outros para aprender, independente de suas deficiências.

METODOLOGIA

Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla realizada no ano de 2017 sobre a importância da educação emocional para a inclusão dos alunos surdos. Aqui, especificamente, apresentaremos a visão das professoras do Atendimento Educacional Especializado – AEE, que acompanham dois alunos surdos. Como instrumento de pesquisa, utilizamos a aplicação de uma entrevista semiestruturada, para que pudéssemos compreender o olhar das professoras do AEE sobre as emoções dos alunos surdos.

O campo de estudo da pesquisa foi uma escola municipal da cidade de João Pessoa, localizada em um bairro carente da capital. A escola atende cerca de 730 alunos do Ensino Fundamental – anos iniciais e finais, como também a Educação de Jovens e Adultos – EJA, com inclusão de alunos com deficiência na sala de aula regular, onde estes recebem atendimento suplementar na sala de recursos multifuncionais.

Iniciamos a pesquisa com uma breve conversa, no dia 07 de novembro de 2017, com as professoras responsáveis pelo Atendimento Educacional Especializado - AEE, onde nos caracterizamos os dois alunos surdos que acompanham do 7º ano do ensino fundamental, e nos explicaram um pouco da dinâmica da escola. Utilizamos nomes fictícios para caracterizá-las ao longo do texto.

A professora Paula é formada em pedagogia, tem 37 anos, está no AEE há 7 meses, fez qualificações para a função, como cursos de aperfeiçoamento e cursa pós-graduação em psicopedagogia. A professora Maria também é formada em pedagogia, tem 29 anos e atua no AEE há 3 anos, fez qualificações como curso básico de Libras, especialização em AEE e mestrado em educação de surdos.

No dia 08 de novembro de 2017, fizemos a aplicação do questionário semiestruturado com a professora Paula, na sala do Atendimento Educacional Especializado – AEE da escola. Explicamos do que tratava a pesquisa, tivemos uma conversa breve sobre sua atuação naquela escola, seu relacionamento com os alunos surdos e as dificuldades do trabalho e seguimos para aplicação do questionário, onde Paula respondeu por escrito às perguntas do questionário. E, no dia 09 de novembro de 2017, fizemos a aplicação do roteiro de entrevista com a professora Maria, seguindo o mesmo roteiro da professora Paula.

A entrevista foi estruturada com perguntas abertas, iniciando por questões pessoais como nome, idade, formação, qualificações para o cargo de professor do AEE. Em seguida, era composta por mais sete questões abertas sobre seu relacionamento com os alunos surdos, as dificuldades que enfrentava neste trabalho, sobre como se comunicavam com os alunos surdos, sobre o relacionamento dos alunos surdos com

os ouvintes na sala de aula e sobre os sentimentos e emoções que, de seu ponto de vista, representava cada um desses relacionamentos.

Ao responderem a entrevista, as professoras falaram um pouco sobre como se sentiam neste trabalho e sobre as dificuldades que encontravam com alguns professores de disciplinas que não as davam acesso para ajudar no planejamento das aulas e/ou indicar recursos e estratégias para facilitar a aprendizagem dos alunos surdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui destacaremos os principais pontos observados durante a análise dos dados obtidos a partir da entrevista. Com relação às emoções e a comunicação, socialização e relacionamento dos alunos surdos com colegas, professores e profissionais da instituição sob a ótica das professoras do AEE que os acompanham.

As professoras relatam terem construído uma boa relação com os alunos surdos, onde os mesmos são comprometidos com a aprendizagem e elas sentem-se em uma relação empática e de amizade com os estudantes. Sobre isto, Casassus (2009, p. 191) afirma que,

Na empatia, o foco não está em mim e sim no outro. Na empatia, esvazio-me das minhas emoções e evito que elas interfiram. Na empatia, foco a atenção no outro; coloco toda a atenção no outro, sem reserva. Na empatia, eu estou em disposição de benevolência para com o outro. Quando queremos ser empáticos com outra pessoa, em vez de escolher reagir ao que ocorre conosco, decidimos nos manter em contato com a outra pessoa. Deixo de me preocupar comigo e trato de me manter na escuta do outro.

Em uma relação empática, a centralidade está no outro ao qual me relaciono, sendo assim, de acordo com a resposta de Maria podemos inferir que, no seu trabalho de atendimento aos alunos surdos, está em posição de ouvi-los, na busca de entender suas reais necessidades, para que, desse modo, ela possa ajudá-los. Essa relação deve ser tida não apenas entre os alunos e as professoras do AEE, como também, com os demais profissionais que acompanham os alunos surdos na escola.

Com relação as dificuldades para se trabalhar com surdos, as professoras destacam duas principais. Primeiro, a falta de comunicação através da Libras na relação professor e alunos surdos. Segundo, a falta de adequação/adaptação metodológica das aulas tendo a Libras como norteadora do processo, na busca de resgatar a defasagem que os alunos apresentam, decorrente de práticas anteriores, que também, não contemplavam suas especificidades.

Percebemos assim que as dificuldades estão relacionadas ao processo de inclusão desses alunos, que não foi feito da forma correta, pois dificuldades com relação à aprendizagem de conteúdos vão estar atreladas a questão de aquisição e uso da linguagem, assim, para que essas dificuldades sejam diminuídas é necessário um trabalho na inserção correta desses alunos. Nesse sentido, as autoras Guarinello, Berberian, Santana, Massi e Paula (2006, p. 328) afirmam que,

Para que haja inclusão do aluno surdo é necessário que as pessoas envolvidas no processo educacional façam um esforço, no sentido de se livrarem de modelos pré-determinados de homem, de entenderem a importância de que o aluno realize suas próprias elaborações, que compartilhe suas dúvidas, suas descobertas e seu poder de decisão.

Desse modo, o professor, deve romper com os pré-conceitos e que já estão pré-determinados para poder conhecer seu aluno de forma mais profunda e, a partir daí, será possível preparar uma aula atendendo as especificidades de seus alunos surdos. Nesse contexto, as autoras Guarinello, Berberian, Santana, Massi e Paula (2006, p. 328) afirmam que:

É também importante que o professor regente de classe conheça a língua de sinais, para que não esteja sempre na dependência do intérprete, ou delegando toda a responsabilidade da comunicação com os alunos surdos para este profissional.

O professor regente, conhecendo a língua de sinais, viabiliza o processo de aprendizado dos alunos, pois ele mesmo pode sanar as dúvidas que surgirem, não apenas atribuir esse papel ao intérprete que ali está para sinalizar o que o professor fala e não é responsabilidade do mesmo o ensino dos conteúdos.

Casassus (2009, p.189-190) destaca a importância da comunicação empática, pois a partir dela podemos escutar profundamente o que outro diz, de maneira que possamos compreender suas necessidades, não apenas no sentido de entender o que ela precisa, mas também compreender sua emoção e o estado de ânimo com que a pessoa fala. Assim, destaca, “para escutar empaticamente, é necessário nos libertarmos de nossos julgamentos, interpretações e preconceitos em relação à outra pessoa”. O professor com domínio da língua de sinais é capaz de realizar essa comunicação com o surdo e, assim escutar, no sentido de entender o que ele quer lhe dizer, para estabelecer uma relação capaz de produzir aprendizagens significativas.

No que diz respeito às emoções, as professoras representam, a partir do seu ponto de vista, como é o relacionamento dos alunos surdos com seus colegas de sala de aula e com seus professores. Maria e Paula destacam amizade e companheirismo entre os colegas de sala, afirmam que se dão muito bem entre si de forma respeitosa e afetiva. Aqui, podemos destacar a importância de se relacionar com os outros emocionalmente, relações estas que beneficiam o ambiente da aprendizagem, pois tudo que é agradável e positivo gera um bem-estar e harmonia onde estamos vivendo. Nesse sentido, Casassus (2009, p.123) afirma que,

Vinculamo-nos com outros quando “fazemos contato”. O contato com o outro é um tipo de conexão sensível, próxima e pessoal que tem significado na qual se experimenta um encontro com o outro. São momentos significativos para a vida, em que estamos plenamente presentes e abertos, e que nos levam a vivenciar a profundidade das relações.

O autor acima destaca a importância dos vínculos que formamos uns com os outros, quando estamos realmente abertos e sensíveis para nos relacionarmos com o outro, experimentamos o quão profundas podem ser as relações e benéficas não apenas no âmbito pessoal, como também no contexto educacional.

Ambas professoras entrevistadas afirmam que, existe uma relação de não identificação entre professores e alunos surdos, pois, dizem perceber que os alunos não se identificam com os professores e nem suas metodologias utilizadas em sala de aula. Corroborando nesse sentido, Casassus (2009, p. 210) afirma que,

O que ocorre na classe nada mais é do que uma interação baseada nas necessidades dos professores e dos alunos. Quais são essas necessidades? “Necessidades de aprendizagem” é a resposta em voga que surge da natureza da escola e das políticas públicas. Sim, pode ser, mas, em todo caso, as necessidades dos alunos têm necessidade de serem reconhecidos na sua legitimidade, querem ser escutados, respeitados, necessitam pertencer a uma comunidade de pares, brincar, ter autonomia. Todas essas necessidades nada mais são do que a aprendizagem NÃO são as únicas necessidades que os alunos têm nas escolas.

As necessidades dos estudantes vão para além da aprendizagem dos conteúdos, eles necessitam serem escutados, necessitam de atenção do professor para que, assim, possam estabelecer uma boa relação, ao ponto de o professor perceber seu aluno, se este está bem, se o que ele necessita daquele momento é apenas aprender ou também ser escutado de forma afetiva.

CONCLUSÕES

A partir da análise, podemos inferir que esse processo de inclusão e socialização do aluno surdo ainda está a passos lentos de se efetivar. Na percepção das professoras do AEE, a relação com os alunos surdos é boa e foi construída baseada na empatia, por outro lado, não veem essa mesma construção no relacionamento dos alunos com seus professores de disciplinas, pelo fato da maior parte destes últimos não terem o cuidado em adaptar suas aulas, visando atender as necessidades dos alunos surdos, como também, pela falta de comunicação entre eles. Os professores por não terem o conhecimento e/ou domínio da Libras costumam se reportar sempre ao intérprete, tornando o aluno surdo invisível e não parte do processo de construção de seu conhecimento.

Percebemos, também, a falta de conhecimento das professoras do AEE acerca dos conceitos de emoções e sentimentos, pois ao serem perguntadas sobre tais conceitos, comumente as respostas foram sobre ter um bom relacionamento, sobre amizade, companheirismo, não identificação, entre outros. Entendemos também, da grande necessidade de se conhecer, entender e estudar a Educação Emocional no contexto escolar, pois, sabemos que as emoções estão presentes em nosso dia-a-dia em tudo o que nós fazemos, como também, está presente em todas as nossas formas de relacionarmos, assim o conhecimento dela é necessário para que professores e alunos possam ter um relacionamento mais saudável e de compreensão de ambos os lados.

As relações estabelecidas em sala de aula precisam ser revistas e isso pode levar tempo, no entanto, o tempo investido para que se possa construir uma relação harmoniosa em sala, por mais demorado que seja, é sempre válido e não perdido, pois quando se chega a essa relação agradável, todos aprendem mais rapidamente e, torna-se mais fácil perceber quando aquele aluno se perdeu ao longo do caminho e, conseqüentemente, trazê-lo de volta à discussão, tornando todo o processo mais amistoso e produtivo, ao invés de preocupar-se tanto com a indisciplina, poderá ganhar mais tempo ao ensinar.

REFERÊNCIAS

ALZINA, Rafael Bisquerra, GONZALÉZ, Juan Carlos Pérez e NAVARRO, Esther García. **Inteligencia emocional em educación**. España: Síntesis, 2015. 339p.

BISQUERRA, Rafael. **Revista de Investigación Educativa**, 2003, Vol. 21, nº1, págs. 7-43

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 08 Ago. 2017.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial, Brasília, DF, 17 nov. 2011.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO. 2009. 252 p.

GUARINELLO, A.C., BERBERIAN, A. P. , SANTANA, A. P., MASSI, G., PAULA, M de. *A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do Estado do Paraná*. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, vol. 12. N. 3. p 317-330, set./dez., 2006.

LACERDA, Cistina Broglia Feitosa de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. 8ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. 96 p.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência**. Caderno Cedes. Campinas, vol. 26, n.69, p.163-184, mai/ago. 2006

LIMA. Niédja M. F. de. Inclusão escolar de surdos: o dito e o feito. In: DOZIART, Ana (Orgs), **Estudos Surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p 141-170.

MARCHESI, Álvaro. Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas. In: César Call; Jesus Palácios & Álvaro Marchesi. (Orgs.), **Desenvolvimento Psicológico e Educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 200-216.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Atendimento Educacional Especializado – Pessoa com Surdez**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Especial. 2007. 52 p.

_____. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. 4ª ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p.

_____. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. 2ª ed. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Especial. 2006. 116 p.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **As emoções básicas: medo, tristeza e raiva**. João Pessoa: Libellus, 2017. 92 p.

POSSEBON, Elisa Gonsalves. **O universo das emoções: uma introdução**. João Pessoa: Libellus, 2017. 88 p.



UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. 1990.

_____. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.